

# PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS POR UNIVERSITÁRIAS PARA AFECÇÕES GINECOLÓGICAS

## MEDICINAL PLANTS USED BY UNIVERSITY STUDENTS FOR GYNECOLOGICAL DISEASES

Andréia de Melo Mendonça<sup>1</sup>

Leilane Barbosa de Sousa<sup>2</sup>

### RESUMO

Objetivou-se, neste estudo, descrever e caracterizar o uso de plantas medicinais para afecções ginecológicas por mulheres universitárias. Trata-se de estudo transversal, analítico e descritivo, com abordagem quantitativa, realizado com 81 universitárias, no período de janeiro a novembro de 2021. A coleta de dados foi realizada por meio de questionário semiestruturado no *Google Forms*, abordando dados sociodemográficos e acerca de uso de plantas medicinais para afecções ginecológicas. O link foi enviado através da rede social WhatsApp®. A composição da amostra ocorreu por meio de rede de referência e conveniência. Os dados foram organizados em planilha eletrônica do Google Sheets® e processados com o auxílio do *software* Jamovi®. Os resultados foram apresentados em forma de tabelas e quadro. Verificou-se que 74,07% das mulheres utilizam plantas medicinais no tratamento/prevenção de vários tipos de doenças, porém, apenas 39,41% relatam utilizar plantas medicinais para afecções ginecológicas. Quanto à fonte de informações sobre o uso de plantas medicinais, 72,84% adquirem conhecimento através de familiares. Dentre as plantas mencionadas, a *Schinus terebinthifolius* Raddi (Aroeira) foi a mais citada (48,76%) pelas mulheres que relataram utilizar plantas medicinais para afecções ginecológicas. Como afecções tratadas, foram citadas inflamação uterina, infecção, corrimento, odor vaginal, prurido, candidíase, vaginose bacteriana, cicatrizante pós-parto e regulação do ciclo menstrual. Outras plantas citadas mais de uma vez foram: quebra pedra, maconha, babosa e goiabeira. O caule/casca (51,28%; n=20) e as folhas (30,77%; n=12) destacaram-se como partes das plantas mais utilizadas em relação ao total das que foram citadas. Das plantas medicinais citadas, foi relatado efeito colateral com o uso de apenas uma (2,56%), que foi cólica em grande intensidade com o uso da aroeira associada ao chá de canela. Conclui-se que a prática do uso de plantas medicinais é frequente entre as universitárias. A aroeira se destacou como planta com potencial terapêutico utilizada por este público para diversas afecções ginecológicas.

**Palavras-chave:** Plantas Mediciniais. Doenças dos Genitais Femininos. Estudantes. Saúde da Mulher.

### ABSTRACT

The objective of this study was to describe and characterize the use of medicinal plants for gynecological diseases by university women. This is a cross-sectional, analytical and descriptive study, with a quantitative approach, conducted with 81 university students, from

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Enfermagem da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. E-mail: [andrea.melom@yahoo.com.br](mailto:andrea.melom@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. E-mail: [leilane@unilab.edu.br](mailto:leilane@unilab.edu.br)

Data de submissão e aprovação: 26/01/2022.

January to November 2021. Data collection was performed through a semi-structured questionnaire in Google Forms, addressing sociodemographic data and on the use of medicinal plants for gynecological diseases. The link was sent through the social network WhatsApp®. The composition of the sample occurred through a reference network and convenience. The data were organized in a Google Sheets spreadsheet and processed® with the help of the Jamovi® software. The results were presented in the form of tables and table. It was found that 77.78% of women use medicinal plants in the treatment/prevention of various types of diseases, however, only 39.41% report using medicinal plants for gynecological diseases. Regarding the source of information on the use of medicinal plants, 72.84% acquire knowledge through family members. Among the plants mentioned, *Schinus terebinthifolius* Raddi (Aroeira) was the most cited (48.76%) by women who reported using medicinal plants for gynecological diseases. As treated conditions, uterine inflammation, infection, discharge, vaginal odor, pruritus, candidiasis, bacterial vaginosis, postpartum healing and regulation of the menstrual cycle were mentioned. Other plants mentioned more than once were: stone breaking, marijuana, aloe and guava. The stem/bark (51.28%; n=20) and leaves (30.77%; n=12) stood out as parts of the most used plants in relation to the total ones mentioned. Of the medicinal plants mentioned, a side effect was reported with the use of only one (2.56%), which was colic in great intensity with the use of the aroeira associated with cinnamon tea. It is concluded that the practice of the use of medicinal plants is frequent among university students. The aroeira stood out as a plant with therapeutic potential used by this public for various gynecological diseases.

**Keywords:** Plants, Medicinal. Genital Diseases, Female. Students. Women's Health.

## 1 INTRODUÇÃO

As afecções ginecológicas trata-se de alterações ou modificações que acometem o sistema reprodutor feminino, sendo de ordem hormonal ou infecciosa, podendo ocasionar quadro patológico. Entre as principais afecções ginecológicas de origem hormonal, cita-se a amenorreia, os sangramentos uterinos e os sintomas pré-menstruais, como cólicas, alterações no humor, cefaleia, retenção de líquido, dentre outros. Já entre as de origem infecciosa, destacam-se as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), cervicites e as vulvovaginites (BRASIL, 2016a).

No sistema de saúde convencional, público ou privado, o tratamento das afecções ginecológicas ocorre, essencialmente, através do uso de fármacos e/ou procedimentos cirúrgicos (BRASIL, 2016b). Todavia, ressalta-se que as práticas integrativas e complementares também podem ser aplicadas no tratamento dessas patologias. Nesse contexto, o uso de plantas medicinais destaca-se por contemplar diversas vantagens, como a ampla aceitação em diversas culturas, o fácil acesso e baixo custo (SANDNA, 2017; OLIVEIRA, 2018).

No Brasil, o uso de plantas medicinais está amparado pela Política Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos (BRASIL, 2016) e pela Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (BRASIL, 2012). Ambas foram elaboradas em consideração

ao grande número de pessoas que utilizam plantas medicinais, seja por opção ou por falta de acesso ao sistema convencional de saúde. Além disso, essas duas políticas preveem a garantia do acesso seguro e o uso racional de plantas medicinais, na perspectiva do uso sustentável da biodiversidade e da integralidade da atenção à saúde.

Em serviços de atenção primária, o enfermeiro é o profissional diretamente responsável pela realização das consultas ginecológicas. Nesse cenário, é comum que esse profissional se depare com pacientes que preferem recorrer a tratamentos naturais ou que optem por este tipo de tratamento por alguma restrição a medicamentos, o que demonstra a importância do estudo de plantas medicinais utilizadas para afecções ginecológicas. Com isso, o enfermeiro deve estar preparado para atender pacientes de forma integral, respeitando a cultura na qual a paciente está inserida e, inclusive, promovendo o uso de plantas (SZERWIESKI *et al.*, 2017).

O Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) do Brasil, por meio da Resolução nº 197/1997 e o Parecer Normativo do COFEN n.º 004/95, entende que as terapias alternativas, entre elas o uso de plantas medicinais, são práticas treinadas assistematicamente e repassadas através de gerações, não estando vinculadas a qualquer categoria profissional; e como o que consta do PAD-COFEN-247/91, que resolve em seu Art. 1º – Estabelecer e reconhecer as Terapias Alternativas como especialidade e/ou qualificação do profissional de Enfermagem. Para isso, é interessante que a Enfermagem busque meios, como a pesquisa, para conhecer plantas medicinais e suas formas de uso, sobretudo em congruência com as práticas de cuidado que realiza e com os contextos culturais em que se insere.

A identificação de plantas medicinais com efeitos empiricamente comprovados poderá contribuir na descoberta de compostos bioativos para a assistência de enfermagem ginecológica. Destaca-se, então, a riqueza da herança cultural sobre plantas medicinais repassada entre as gerações, o que tornam pertinentes as informações acerca das terapias integrativas e complementares, muitas vezes acumuladas durante séculos, mesmo em se tratando de constituintes químicos ainda desconhecidos para a comunidade científica (RODRIGUES, 2016; NASCIMENTO *et al.*, 2018).

O conhecimento acerca das plantas medicinais utilizadas poderá proporcionar a valorização de práticas e saberes tradicionais em saúde, principalmente, no universo da enfermagem ginecológica, ramo diretamente relacionado com questões de cunho íntimo e cultural, para os quais, muitas vezes, a medicina convencional apresenta limitações.

Portanto, objetivou-se descrever e caracterizar o uso de plantas medicinais para afecções ginecológicas por universitárias.

## 2 MÉTODO

Trata-se de um estudo transversal, analítico e descritivo, com abordagem quantitativa.

O estudo transversal, conforme Rouquayrol e Gurgel (2018), coleta informações acerca do fator de estudo e do desfecho/doença em um grupo de indivíduos no mesmo ponto do tempo, ou seja, observando fator e efeito no mesmo momento histórico.

O estudo analítico é utilizado para testar uma hipótese, se o risco de ter ou não a doença é diferente entre os indivíduos que estão expostos e não expostos a um fator de interesse (ROQUAYROL; GURGEL, 2018). O estudo descritivo tem como principal objetivo retratar com precisão as características de pessoas ou circunstâncias e/ou a frequência com que certo fenômeno ocorre (POLIT; BECK, 2019).

O estudo foi desenvolvido na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), nos *campi* localizados nos municípios de Redenção e Acarape, no Estado do Ceará, durante o período de janeiro a novembro de 2021.

A população foi composta por universitárias brasileiras dos cursos de graduação e pós-graduação, matriculadas na UNILAB. Foram incluídas na pesquisa mulheres com idade igual ou superior a 18 anos. Foram excluídas as que preencheram o instrumento de coleta de dados de forma incompleta ou inadequada.

Para a composição da amostra, utilizou-se o cálculo para amostras finitas (MIOT, 2011). Foram considerados: população de 2.004 brasileiras matriculadas na Unilab, erro amostral de 5%, nível de confiança de 95% e percentual mínimo de 80% de uso de plantas medicinais. A amostra de brasileiras seria de 220. Contudo, não foi alcançado o número esperado de participantes e a amostra foi constituída por 81 mulheres. A composição da amostra ocorreu por meio de amostragem por rede de referência e conveniência.

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário adaptado de Freitas *et al.* (2016). Inicialmente, criou-se um Gmail® exclusivo para a pesquisa, para a utilização do Google Forms®, ferramenta gratuita e online do Google, que permite a criação de formulários por meio do Google Drive®. Os formulários do Google Drive®, podem ser questionários de pesquisa criados pelo próprio usuário, ou formulários com base em modelos já existentes na plataforma (MOTA, 2019). Para a utilização do Google Forms®,

é necessário ter uma conta ativa no Google, para a qual os questionários respondidos são encaminhados.

Posteriormente, após a adequação do questionário, foi realizada sua introdução na plataforma de formulários do Google. O formulário foi dividido em quatro seções. A primeira contendo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A segunda abordando os dados sociodemográficos (idade, data de nascimento, escolaridade, curso, estado civil, cor/ etnia, filhos, ocupação, renda, a que/ quem recorre em caso de doença), a terceira com dados acerca do uso de plantas medicinais (utilização das plantas medicinais, crença no poder curativo das plantas medicinais, fonte do conhecimento acerca de plantas medicinais, utilização no tratamento de afecções ginecológicas) e a quarta, com perguntas referente a utilização e aplicação de plantas medicinais utilizadas para afecções ginecológicas (plantas utilizadas, formas de obtenção, enfermidade tratadas com o uso dessas plantas, parte das plantas utilizada, modo de preparo, duração do tratamento, êxito com o tratamento, efeitos colaterais e associações).

A coleta de dados foi realizada por meio de convite disponibilizado via rede social WhatsApp®. As estudantes foram contactadas através de mensagem padrão no aplicativo, que continha o objetivo da pesquisa, critérios de inclusão, benefícios do estudo, link do formulário e contato para casos de dúvidas em seu preenchimento. Pediu-se, inicialmente, que a equipe de pesquisa divulgasse em seus grupos com estudantes de turmas dos variados cursos da universidade, gerando assim, uma rede de referência.

Os dados, ao serem enviados pelas respondentes, foram salvos automaticamente em uma tabela do Excel gerada pela plataforma no momento em que o questionário foi criado. Nessa tabela, ficam disponíveis todos os dados relacionados ao preenchimento das perguntas de cada questionário, a data e a hora em que foi respondido, assim como a resposta de cada questão em colunas distintas (MENON, 2016).

Os dados foram organizados em planilha eletrônica do Google Sheets® e processados com o auxílio do *software* Jamovi®. Na análise descritiva, foram usadas as frequências relativas e absolutas, média e mediana como medida de tendência central e desvio padrão como medida de dispersão. Para análise dos dados categóricos, foram utilizados o Teste do qui-quadrado de Pearson e Teste exato de Fisher. O Teste V de Cramer foi empregado para mensurar a força de associação entre as variáveis. Para análise de variáveis discretas, utilizou-se o Teste de Kolmogorov-Smirnov para verificar normalidade dos dados e o Teste de Mann-Whitney para comparação de médias. Foram

considerados estatisticamente significantes os valores  $p < 0,05$ . Os resultados foram apresentados em forma de tabelas e quadro.

Foram respeitados os princípios éticos da pesquisa científica com seres humanos, com garantia de autonomia dos sujeitos, não maleficência e beneficência da pesquisa, conforme a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012). A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) sob parecer de número 4.726.587.

### 3 RESULTADOS

Com a aplicação dos questionários, foram obtidos dados de 83 mulheres. Houve exclusão de 2 participantes que responderam ao questionário de forma inadequada. Com isso, a amostra foi composta por 81 mulheres.

A Tabela 1 detalha o perfil das participantes do estudo no que concerne às variáveis idade, escolaridade, curso, estado civil, cor/etnia, maternidade, ocupação e renda familiar.

**Tabela 1** – Características sociodemográficas das mulheres participantes da pesquisa. Redenção - CE, 2022. (n= 81).

Variáveis Sociodemográficas	Participantes (n=81)	%	IC95%
<b>Idade</b>			
Média (Desvio Padrão)	23,99 (4,61)		
Mínima – Mediana – Máxima	19 – 22 – 40		
<b>Escolaridade</b>			
Graduação	76	93,83	86,18 – 97,97
Pós-graduação	5	6,17	2,03 – 13,82
<b>Curso</b>			
Administração Pública	3	3,70	0,77 – 10,44
Agronomia	6	7,41	2,77 – 15,43
Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades	4	4,94	1,36 – 12,16
Ciências Biológicas	11	13,58	6,98 – 23,00
Enfermagem	49	60,49	49,01 – 71,19
Farmácia	2	2,47	0,30 – 8,64
Letras - Língua Portuguesa	2	2,47	0,30 – 8,64
Mestrado Acadêmico em Enfermagem	2	2,47	0,30 – 8,64

Pedagogia	1	1,23	0,00 – 6,68
Química	1	1,23	0,00 – 6,68
<b>Cor/etnia</b>			
Amarela	1	1,23	0,00 - 6,69
Branca	14	17,28	9,78 - 27,30
Indígena	4	4,94	1,36 - 12,16
Negra	8	9,88	4,36 – 18,54
Parda	54	66,67	55,32 – 76,76
<b>Estado civil</b>			
Casada/União Estável	17	20,99	12,73 – 31,46
Solteira	64	79,01	68,54 – 87,27
<b>Filhos</b>			
Não	68	83,95	74,12 – 91,17
Sim	13	16,05	8,83 – 25,88
<b>Ocupação</b>			
Estuda (exclusivamente)	56	69,14	57,89 – 78,93
Trabalha e Estuda	25	30,86	21,07 – 42,11
<b>Renda Familiar</b>			
Até 1 salário	35	43,21	32,24 – 54,69
2 – 3 salários	32	39,51	28,81 – 50,99
4 – 5 salários	9	11,11	5,21 – 20,05
Não informado	5	6,17	2,03 – 13,82

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao serem questionadas a respeito de “a que/quem recorre, em caso de doença”, ao especificar o item principal, 77,78% (n=63) indicaram os profissionais de saúde, 6,17% (n=5) farmácia, 8,64% (n=7) plantas medicinais, 4,94% (n=4) vizinhos/familiares e 1,23% (n=1) todas as opções.

Acerca do uso de plantas medicinais, de forma geral, 74,07% das mulheres (n=60) afirmaram que fazem utilização no tratamento/prevenção de doenças. Quanto à obtenção de informações acerca das plantas medicinais, 72,84% (n=59) das mulheres responderam que o conhecimento é adquirido por meio de familiares (pais, avós, tios). Os profissionais da saúde não foram citados por nenhuma das mulheres. Em relação a utilização de plantas medicinais em tratamento de doenças ginecológicas, apenas 39,41% (n=32) relataram fazer uso. Ao serem questionadas sobre o porquê da utilização para afecções ginecológicas, responderam que fazem o uso para amenizar os sintomas das doenças ginecológicas, porque acreditam no poder da cura das plantas medicinais e apontaram o fácil acesso e baixo custo como motivo.

Quanto a confiar no seu poder curativo, 97,53% (n=79) responderam que sim. Dentre os motivos para as mulheres confiarem na eficácia das plantas medicinais, foram destacados pela maioria das participantes a comprovação dos efeitos na prática de uso. Além

disso, outros motivos citados foram a crença de família repassada por meio de gerações, o fato de que há muitos medicamentos provenientes de plantas medicinais, de algumas serem comprovadas cientificamente e por se tratar de um tratamento natural.

A Tabela 2 apresenta fatores associados ao uso de plantas medicinais para o tratamento de afecções ginecológicas entre as mulheres participantes da pesquisa.

**Tabela 2** – Fatores associados ao uso de plantas medicinais para o tratamento de afecções ginecológicas entre as mulheres participantes da pesquisa. Redenção, CE, 2022. (n = 81).

VARIÁVEIS	Uso de Plantas medicinais para afecções ginecológicas		Estatística [p-valor]	V de Cramer
	NÃO [%]	SIM [%]		
<b>Escolaridade</b>				
Graduação	47 [61,84]	29 [38,16]	0,379 <sup>a</sup>	0,108
Pós-graduação	2 [40,00]	3 [60,00]		
<b>Ocupação</b>				
Estuda (exclusivamente)	38 [67,86]	18 [32,14]	<b>0,042<sup>b</sup></b>	0,225
Estuda e trabalha	11 [44,00]	14 [56,00]		
<b>Estado Civil</b>				
Solteira	43 [67,19]	21 [32,81]	<b>0,017<sup>b</sup></b>	0,266
Casada	6 [35,29]	11 [64,71]		
<b>Filhos</b>				
Não	45 [66,18]	23 [33,82]	<b>0,028<sup>a</sup></b>	0,266
Sim	4 [30,77]	9 [69,23]		
<b>Curso da saúde</b>				
Não	14 [56,00]	11 [44,00]	0,598 <sup>b</sup>	0,060
Sim	33 [62,26]	20 [37,74]		
<b>Renda familiar</b>				
Até 1 salário mínimo	20 [57,14]	15 [42,86]	0,577 <sup>a</sup>	0,064
> 1 salário mínimo	26 [63,41]	15 [36,59]		

Fonte: Dados da pesquisa.

Legenda: <sup>a</sup>Teste Exato de Fisher; <sup>b</sup>Teste Qui-quadrado de Pearson.

A tabela 2 demonstra uma associação estatisticamente significativa entre ocupação ( $p=0,042$ ), estado civil ( $p=0,017$ ) e ter filhos ( $p=0,028$ ) com o uso de plantas medicinais para o tratamento de afecções ginecológicas pelas participantes. Não foi identificada diferença estatisticamente significante entre as médias de idades das mulheres que usam plantas medicinais e as que não usaram ( $p=0,079$ ).

No quadro 1 foram destacadas as plantas utilizadas e sua respectiva indicação, parte utilizada, forma de preparo e tempo de uso. Salienta-se que houve participantes que citaram mais de uma planta por resposta. Por este motivo, o número de plantas medicinais

mencionadas é superior ao total de mulheres que relataram utilizar plantas medicinais para afecções ginecológicas.

**Quadro 1** - Principais Plantas Mediciniais utilizadas para o tratamento/ prevenção de afecções ginecológicas. Redenção, CE, Brasil, 2022.

Nome popular/ Nome científico	Afecções tratadas	N	Parte usada	Forma de preparo	Tempo de uso - dias (min – máx)
Aroeira/ <i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	Inflamação uterina; Infecção; Corrimento vaginal; Prurido; Odor vaginal; Candidíase; Cicatrização pós parto; Vaginose bacteriana; Amenorreia/Regular ciclo menstrual	19	Caule/casca; Raiz; Folha	Chá; Garrafada; Molho; Decocção (cozimento)	3 – 20
Quebra pedra/ <i>Phyllanthus niruri</i> L.	Infecção urinária	2	Raiz	Chá	2- 5
Maconha/ <i>Cannabis sativa</i>	Cólica menstrual; Síndrome do ovário micro policístico; Contraceptivo	2	Flor	Chá, Inalação	2- 5
Babosa/ <i>Aloe vera</i>	Infecção urinária; Inflamação	2	Folha	Garrafada	3- 30
Arruda/ <i>Ruta graveolens</i>	Cólica menstrual	1	Folha	Chá	4
Gonsalavo/ <i>Astronium fraxinifolium</i> Schot	Inflamação no colo do útero (raladura)	1	Caule/casca	Garrafada	15
Ameixa/ <i>Ximenia americana</i> L.	Inflamação	1	Caule/casca	Molho	15
Graviola/ <i>Annona muricata</i> L.	Inflamação	1	Folha	Sumo	7
Canela/ <i>Cinnamomum verum</i>	Candidíase	1	Folha	Decocção (cozimento)	5
Goiabeira/ <i>Psidium guajava</i> L.	Prurido, Infecção; Candidíase; Corrimento vaginal; Cólica.	2	Folha	Chá, Decocção (cozimento)	15- 20
Camomila/ <i>Matricaria chamomilla</i>	Candidíase	1	Folha	Chá	5
Malvarisco/ <i>Plectranthus amboinicus</i> L.	Corrimento vaginal	1	Folha	Garrafada	30
	Infecção urinária	1	Raiz	Chá	4

Vasourinha/ <i>Scoparia dulcis</i> L.					
Mastruz/ <i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Corrimento vaginal; Candidíase, Cistite	1	Folha	Trituração	3
Alho/ <i>Allium sativum</i>	Candidíase	1	Fruto	Alho inteiro	2
Bredo/ <i>Amaranthus viridis</i> L.	Cólica menstrual	1	Caule/casca	Chá, Garrafada	3
Gengibre/ <i>Zingiber officinale</i>	Inflamação; Endometriose	1	Caule/casca	Chá	7

Fonte: Dados da pesquisa.

Dentre as plantas citadas, a Aroeira (*Schinus terebinthifolius* Raddi) destacou-se com 48,76% de utilização em relação às outras plantas, sendo mencionada dezenove vezes (n=19) pelas mulheres que relataram utilizar plantas medicinais no tratamento/prevenção de afecções ginecológicas. Foram citadas como afecções tratadas com o uso dessa planta, inflamação uterina, infecção, corrimento, odor vaginal, prurido, candidíase, vaginose bacteriana, cicatrizante pós-parto e regulação do ciclo menstrual.

Além da Aroeira, outras plantas citadas por mais de uma universitária foram: quebra pedra, maconha, babosa e goiabeira. As demais foram citadas apenas por uma respondente.

Em relação as formas de obtenção da planta, a maioria das participantes que relatou utilizar plantas medicinais para afecções ginecológicas afirmou conseguir com a família (28,21%; n=11). Outras coletavam diretamente do mato, sem necessariamente cultivar, (23,08%; n=9), compravam (23,08%; n=9), obtinham através de cultivo próprio (15,38%; n=6) e conseguiam por meio de vizinhos/amigos (10,26%; n=4). No que diz respeito a parte mais utilizada das plantas, notou-se o uso do caule/ casca (51,28%; n=20) e das folhas (30,77%; n=12) com maior predomínio em relação ao total das que foram citadas.

As associações com outras plantas mencionadas, conforme o número de plantas citadas, foram 17,94% (n=7), sendo elas: aroeira e ameixa; aroeira e chá de canela; arruda e hortelã; ameixa com pau-d'arco-roxo; malvarisco com chanana e fedegoso; goiabeira com maconha e aroeira; maconha com babosa, eucalipto e hortelã. O restante das plantas citadas (82,05%; n= 32), não são utilizadas com associações.

Das plantas medicinais citadas, foi relatado efeito colateral com o uso de apenas uma (2,56%), que foi cólica em grande intensidade com o uso da aroeira associada ao chá de canela. Das outras plantas mencionadas (97,43%) não foi relatado efeito colateral pelas respondentes.

## 4 DISCUSSÃO

Acerca do uso de plantas medicinais de forma geral no tratamento/prevenção de doenças, a maioria das mulheres deste estudo afirmou utilizar ou já ter utilizado. Observou-se que o conhecimento sobre as plantas, geralmente é adquirido por meio de familiares. Em um estudo, que teve como objetivo avaliar o conhecimento sobre plantas medicinais utilizadas por mulheres em processo de envelhecimento, realizado no município de Ijuí/RS, com mulheres adstritas a unidades de Estratégias Saúde da Família (ESF), a maioria das entrevistadas relatou que o conhecimento sobre o uso das plantas medicinais foi repassado por familiares (SCHIAVO *et al.*, 2017), assim como no estudo de Oliveira (2018), desenvolvido na cidade de Colombo, em Curitiba, Paraná, no qual constatou-se que o uso de plantas medicinais, não tem sido indicado, na maioria das vezes, por um profissional qualificado, mas sim, por meio do conhecimento empírico passado de geração em geração pelos familiares (OLIVEIRA; MEZZOMO; MORAES, 2018). Em estudo realizado na zona rural de Santa Rita, em Ituiutaba/MG, também constataram que 90% das pessoas entrevistadas obtiveram o conhecimento de forma semelhante (ALVES; POVH, 2013).

No presente estudo, os profissionais de saúde não foram citados por nenhuma das mulheres, no que diz respeito a obtenção de informações sobre plantas medicinais. No que se refere a isso, relata-se a necessidade de uma maior integração dos profissionais de saúde nessa área, para que haja maior instrução das pacientes acerca dos riscos e benefícios das plantas medicinais (KAADAAGA *et al.*, 2014). Assim como Edirne *et al.* (2010), que também sugerem para melhor educação dessas pacientes, a indagação profissional sobre a utilização dessas práticas.

Porém, mesmo nos dias atuais, a função de assistir e orientar o paciente no que se refere aos fitoterápicos, nem sempre é eficiente. Podendo estar relacionado à carência de conhecimento dos profissionais, por deficiência no sistema acadêmico, ou até mesmo pelo desinteresse na área (TROVO; SILVA; LEÃO, 2003).

A utilização das plantas medicinais, quando possível, deve ser acompanhada por profissionais que sejam capazes de transmitir orientações pertinentes para os usuários, pois o seu uso realizado de maneira empírica e a falta de informação pode gerar complicações (SANTANA *et al.*, 2018).

Neste contexto, é primordial que os profissionais que atuam na atenção primária à saúde, especialmente os de enfermagem que atuam diretamente nas consultas de prevenção ginecológica, estejam qualificados quanto ao uso de plantas medicinais e fitoterápicos,

compreendendo sobre suas indicações e contraindicações, interações, toxicidades e normas sanitárias para o uso seguro (NUNES *et al.*, 2021).

No que concerne à confiança e poder curativo das plantas medicinais, as participantes, em sua maioria, afirmou confiar na eficácia, pelo fato de já terem comprovado seus efeitos na prática, como também pela crença de família repassada por meio de gerações. Em uma pesquisa realizada no estado de Tocantins, Brasil, acerca do desenvolvimento histórico do uso das plantas medicinais na visão de mulheres idosas, constataram que, ao serem questionadas em relação a crença no poder curativo das plantas, as mesmas referiram confiar, com as justificativas de já terem sido curadas através das mesmas e pela crença no conhecimento hereditário (SANTANA *et al.*, 2018).

Neste estudo, foi identificada uma associação estatisticamente significativa entre ocupação, estado civil e o fato de ter filhos com a utilização de plantas medicinais para afecções ginecológicas pelas mulheres participantes. Universitárias que também trabalham, geralmente o fazem quando têm filho (s) e precisam auxiliar o marido na renda familiar. Em relação ao estado civil, constatou-se que mulheres casadas utilizam com mais predominância plantas medicinais, o que sugere que, em sua maioria, as respondentes têm vida sexual ativa, podendo estarem mais susceptíveis às afecções ginecológicas. Este resultado é semelhante ao estudo de Schiavo *et al.* (2017), onde mais da metade das mulheres que utilizavam plantas medicinais para enfermidades eram casadas. Tal qual o de Petry e Roman Júnior (2012), que avaliaram a aceitação de um programa de fitoterápicos e plantas medicinais no SUS, no Rio Grande do Sul, em que 68% das participantes que faziam uso de plantas eram casadas.

No que se refere a idade, não foi identificada diferença estatisticamente significativa entre as médias das mulheres que usam plantas medicinais e as que não usam. Por outro lado, em estudo realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, a idade se mostrou como um fator importante, tendo em vista que as pessoas com maior idade têm mais conhecimento sobre as plantas medicinais, em relação aos mais novos (MESSIAS *et al.*, 2015). Assim como Cruz *et al.* (2017), que concluíram em seus estudos que existe uma relação entre idade e conhecimento quanto ao uso e cultivo de plantas medicinais. Brasileiro *et al.* (2008) também mostram que há um uso mais acentuado de plantas medicinais entre a população mais velha.

No que concerne às plantas medicinais utilizadas pelas respondentes do estudo, houve predominância da *Schinus terebinthifolius Raddi* (Aroeira). A mesma pertence à família das Anacardiaceae, sua aplicação biológica é conhecida há muitos anos (PEREIRA *et al.*, 2021; CARVALHO *et al.*, 2013). Sendo utilizada na medicina popular, conforme Carvalho *et al.* (2013), como antiinflamatório, analgésico, antipirético e como agente

depurativo. Além disso, a mesma tem sido utilizada para no tratamento de infecções sexualmente transmissíveis, infecções do trato urinário, inflamação uterina, úlceras de pele e distúrbios gastroduodenais. Estudos farmacológicos com extratos oriundos de folhas de aroeira relataram ainda, propriedades antialérgicas, antimicrobianas, antioxidantes e cicatrizante (PEREIRA *et al.*, 2021). Todas as partes dessa planta são utilizadas com a finalidade comercial, em razão de suas propriedades medicinais, fitoquímicas e alimentícias (SANTOS *et al.*, 2019).

A *Phyllanthus niruri* L., conhecida popularmente como quebra pedra, apresentou neste estudo indicações populares no tratamento de infecção urinária. Apesar de não ser considerada uma afecção ginecológica, foram incluídos os resultados inerentes as queixas urinárias, uma vez que estas foram citadas pelas participantes como afecções ginecológicas, este fato pode estar associado ao desconhecimento da anatomia feminina ou até mesmo ao não entendimento entre as participantes sobre o que são afecções ginecológicas. Nabas *et al.* (2015), em levantamento bibliográfico, relata que, a planta quebra-pedra, possui propriedades farmacológicas comprovadas, apontando sua ação analgésica e de relaxamento da uretra para facilitar a expulsão dos cálculos. Semelhante a Ferreira *et al.* (2016), que apontam a planta para infecção urinária, rim e cálculo renal.

Conforme resultados descritos anteriormente, a *Cannabis sativa* L. (Maconha), foi indicada para alívio de cólicas menstruais pelas participantes, na literatura, relata-se que a mesma atua no alívio de dores e espasmos musculares (MEDEIROS *et al.*, 2020; HONÓRIO; ARROIO; SILVA, 2006). Foi citado ainda, a utilização em síndrome do ovário micro policístico e efeito anticoncepcional, entretanto, não há dados que comprovem a eficácia. Em estudo de Silva (2010), aborda que a mesma também é utilizada por mulheres com finalidade abortiva, podendo estar relacionada ao efeito anticoncepcional mencionado pelas respondentes.

*Aloe vera*, também conhecida como babosa, foi citada mais de uma vez pelas mulheres deste estudo, suas indicações citadas na literatura são o estímulo aos processos metabólicos, à regeneração, contribui na cicatrização de tecidos e resolução de inflamações (PARENTE *et al.*, 2013). Assim como no estudo de Ramos e Pimentel (2011), onde a mesma é citada por possuir ação anti-inflamatória e cicatricial, como indicações científicas comprovadas.

Quanto a Goiabeira (*Psidium guajava* L.), a literatura relata que as folhas e outras partes da mesma podem ser utilizadas no tratamento de enfermidades, como diarreia, disenteria, cólica abdominal e flatulência (DUARTE; PAULA, 2005). Além disso, é citada a

atividade antimicrobiana (AGUIAR et al., 2018) e antifúngica (BRAGA, 2016). Por possuir essas propriedades, a mesma é capaz de atuar diretamente em afecções específicas citadas pelas respondentes, como a candidíase, que é causada por fungo.

No que diz respeito a parte das plantas mais utilizada, notou-se o uso do caule/casca e das folhas com maior predomínio, assim como no estudo de Araújo e Lima (2019), desenvolvido no município de Floriano, Piauí, onde as folhas e casca foram citadas pela maioria dos participantes. Em relação ao uso das folhas, estudos como o de Ó, Silva e Leite (2016), Baptistel *et al.* (2014) e Cunha e Bortolotto (2011), também trazem essa parte da planta como uma das mais utilizadas no preparo de remédios caseiros com plantas medicinais. As folhas apresentam maiores quantidades de princípios ativos que causam a cura de enfermidades, além de apresentar sua disponibilidade na planta na maior parte do ano, sendo por esses motivos, muito utilizada (GUERRA *et al.*, 2010).

## 5 CONCLUSÃO

Conclui-se que a prática do uso de plantas medicinais é frequente entre as universitárias. A aroeira se destacou como planta com potencial terapêutico utilizada por este público para diversas afecções, seguida da quebra pedra, maconha, babosa e goiabeira.

Todas as respondentes do estudo, afirmaram terem obtido resultado terapêutico com a utilização das plantas. Porém, sugere-se a necessidade de estudo mais detalhado que avalie a segurança do tratamento realizado pelas entrevistadas.

Evidenciou-se que, o conhecimento adquirido pelas respondentes, não foi através de profissionais de saúde, podendo isso, estar relacionado a diversos fatores, o que pode muitas vezes, gerar complicações por parte do usuário.

Aponta-se como limitações, o reduzido tamanho amostral e o baixo poder estatístico. Nesse caso, sugere-se que novos estudos sejam realizados com amostra maior, afim de aumentar o poder dos testes e, assim, possibilitar uma melhor tomada de decisões.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, A. L. R.; DODOU, H. V.; SALES, G. W. P.; RODRIGUES, M. L.; BANDEIRA, M. A. M.; NOGUEIRA, N. A. P. Atividade antimicrobiana do extrato de *Psidium guajava* L. (goiabeira) e sinergismo com antimicrobianos convencionais. **Revista Cubana de Plantas Medicinales**, v. 24, n. 1, 9 nov. 2018. Disponível em: <http://www.revplantasmedicinales.sld.cu/index.php/pla/article/view/741>. Acesso em: 11 jan. 2022.

ARAÚJO, M. S.; LIMA, M. M. O. O uso de plantas medicinais para fins terapêuticos: os conhecimentos etnobotânicos de alunos de escolas pública e privada em Floriano, Piauí, Brasil. **Amazônia: Revista de Educação em Ciências e Matemáticas**, v. 15, n. 33, p. 235–250, 30 jun. 2019. DOI [10.18542/amazrecm.v15i33.5747](https://doi.org/10.18542/amazrecm.v15i33.5747). Disponível em: <http://novoperiodicos.ufpa.br/periodicos/index.php/revistaamazonia/article/view/5747>. Acesso em: 16 jan. 2022.

BALDÉ, U. Políticas públicas de saúde e práticas tradicionais: estudo comparativo Brasil-Guiné Bissau. **Revista África e Africanidades**, Ano XII, n. 30, 2019.

BAPTISTEL, A. C.; COUTINHO, J. M. C. P.; LINS NETO, E.; MONTEIRO, J. Plantas medicinais utilizadas na Comunidade Santo Antônio, Currais, Sul do Piauí: um enfoque etnobotânico. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 16, p. 406–425, 1 jan. 2014. [https://doi.org/10.1590/1983-084X/12\\_137](https://doi.org/10.1590/1983-084X/12_137).

BRAGA, M. F. B. M. Composição química e avaliação da atividade antifúngica de extratos de *Psidium guajava* L. (Goiabeira) e *Psidium brownianum* mart. ex dc. (Araçá de veado) sobre espécies de *Candida*. 2016. Tese (Doutorado em Etnobiologia e Conservação da Natureza) Universidade Federal Rural de Pernambuco, Crato, PE, 2016. Disponível em: [http://www.pgetno.ufrpe.br/sites/www2.pgetno.ufrpe.br/files/documentos/tese\\_moraisbraga\\_0.pdf](http://www.pgetno.ufrpe.br/sites/www2.pgetno.ufrpe.br/files/documentos/tese_moraisbraga_0.pdf). Acesso em: 07 jan. 2022.

BRASIL, Resolução CNS Nº466 de 12 de dezembro de 2012b. Aprova diretrizes e normas regulamentadora de pesquisa envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União. Brasília. N.12, p.59-62, 13 jun. 2013. Seção 1.**

BRASIL. Ministério da Saúde. **Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais**. Ano: 2018. Brasília: MS. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pagina/quais-sao-os-antirretrovirais>. Acesso em: 02 dez. de 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Ginecologia (Protocolos de encaminhamento da atenção básica para a atenção especializada)**, Brasília: UFRGS, 4ed. 2016a.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Protocolos da Atenção Básica: Saúde das Mulheres**. Instituto Brasília: MS/ Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa, 2016b.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. **Política e Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2016c.

BRASIL. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Práticas integrativas e complementares: plantas medicinais e fitoterapia na Atenção Básica**. Brasília: MS/SAS/ DABMS, 2012a.

BRASILEIRO, B. G.; PIZIOLO, V. R.; MATOS, D. S.; GERMANO, A. M.; JAMAL, C. M. Plantas medicinais utilizadas pela população atendida no “Programa de Saúde da Família”, Governador Valadares, MG, Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, v. 44, n. 4, p. 629–636, dez. 2008. DOI [10.1590/S1516-93322008000400009](https://doi.org/10.1590/S1516-93322008000400009). Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-93322008000400009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-93322008000400009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 10 jan. 2022.

BRITO, J.A. *et al.* Resgate do conhecimento popular sobre plantas medicinais e sua aplicação na construção de um herbário didático por discentes de curso técnico em meio ambiente. **Experiências em Ensino de Ciências**, v.14, n.1, p.461-480, 2019.

CARVALHO, M. G.; MELO, A. G. N.; ARAGÃO, C. F. S.; RAFFIN, F. N.; MOURA, T. F. a. L. *Schinus terebinthifolius* Raddi: chemical composition, biological properties and toxicity. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 15, p. 158–169, 2013. DOI 10.1590/S1516-05722013000100022. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/rbpm/a/bNdsZSp6jMDqM6qVXxCHGgL/?lang=en>. Acesso em: 9 jan. 2022.

CATARINO, L.; HAVIK, P.J; ROMEIRAS, M. M. Medicinal plants of Guinea-Bissau: therapeutic applications, ethnic diversity and knowledge transfer. **Journal of Ethnopharmacology**. v.183, p. 71–94, 2016.

CRUZ, V.; GONÇALVES, A.; CAMPOS, J.; REIS, A. ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS E O CULTIVO DE PLANTAS MEDICINAIS EM QUINTAIS AGROFLORESTAIS URBANOS (QAF) NO MUNICÍPIO DE BREU BRANCO, PARÁ, BRASIL. **Enciclopédia Biosfera**, v. 14, n. 25, p. 158–170, 20 jun. 2017. DOI [10.18677/EnciBio\\_2017A15](https://doi.org/10.18677/EnciBio_2017A15).

Disponível em:

<http://www.conhecer.org.br/enciclop/2017a/agrar/aspectos%20socioeconomicos.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022.

CUNHA, S. A.; BORTOLOTTI, I. M. Etnobotânica de Plantas Mediciniais no Assentamento Monjolinho, município de Anastácio, Mato Grosso do Sul, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 25, n. 3, p. 685–698, set. 2011. DOI [10.1590/S0102-33062011000300022](https://doi.org/10.1590/S0102-33062011000300022). Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-33062011000300022&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-33062011000300022&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 11 jan. 2022.

DUARTE, M. R.; PAULA, F. M. MORFODIAGNOSE DE *Psidium guajava* L., MYRTACEAE. **Visão Acadêmica**, v. 6, n. 2, 2005. DOI [10.5380/acd.v6i2.6112](https://doi.org/10.5380/acd.v6i2.6112). Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/academica/article/view/6112>. Acesso em: 11 jan. 2022.

EDIRNE, T.; ARICA, S. G.; GUCUK, S.; YILDIZHAN, R.; KOLUSARI, A.; ADALI, E.; CAN, M. Use of complementary and alternative medicines by a sample of Turkish women for infertility enhancement: a descriptive study. **BMC Complementary and Alternative Medicine**, v. 10, n. 1, p. 11, 22 mar. 2010. DOI [10.1186/1472-6882-10-11](https://doi.org/10.1186/1472-6882-10-11). Disponível em: <https://doi.org/10.1186/1472-6882-10-11>. Acesso em: 10 jan. 2022.

FERREIRA, E. T.; SANTOS, E. S.; MONTEIRO, J. S.; GOMES, M. S. M.; MENEZES, R. A. O.; SOUZA, M. J. C. A utilização de plantas medicinais e fitoterápicos: uma revisão integrativa sobre a atuação do enfermeiro / The use of medicinal and phytotherapy plants: an integrational review on the nurses' performance. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 2, n. 3, p. 1511–1523, 27 fev. 2019. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BJHR/article/view/1383>. Acesso em: 8 jan. 2022.

FERREIRA, L. B.; RODRIGUES, M. O.; COSTA, J. M. Etnobotânica das plantas medicinais cultivadas nos quintais do bairro de Algodal em Abaetetuba/PA. **Revista Fitos**, v.10, n.3, p.220-372, 2016. doi: 10.5935/2446-4775.20160020.

FREITAS, A. O. **Conhecimento de mulheres sobre plantas medicinais utilizadas para tratamento de problemas ginecológicos**. 2016. 19f. TCC (Graduação) - Curso de Enfermagem, Instituto de Ciências da Saúde, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Acarape, 2016.

GUERRA, A. M. N. M.; PESSOA, M. F.; SOUZA, C. S. M.; MARACAJÁ, P. B. Utilização de plantas medicinais utilizadas na comunidade rural Moacir Lucena, Apodi-RN. **Bioscience Journal**, v. 26, n. 3, 19 maio 2010. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/biosciencejournal/article/view/7091>. Acesso em: 11 jan. 2022.

HOCHMAN, B.; NAHAS, F. X.; OLIVEIRA FILHO, R. S.; FERREIRA, L. M. Desenhos de pesquisa. **Acta Cirúrgica Brasileira**, v. 20, p. 2–9, 2005. DOI 10.1590/S0102-86502005000800002. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/acb/a/bHwp75Q7GYmj5CRdqsXtqbj/?lang=pt>. Acesso em: 6 jan. 2022.

HONÓRIO, K. M.; ARROIO, A.; SILVA, A. B. F. Aspectos terapêuticos de compostos da planta Cannabis sativa. **Química Nova**, v. 29, p. 318–325, abr. 2006. DOI [10.1590/S0100-40422006000200024](https://doi.org/10.1590/S0100-40422006000200024). Disponível em: <http://www.scielo.br/j/qn/a/LmPbLrC3DY6Z68BK6cMHPbf/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 11 jan. 2022.

INDJAI, B. **O saber local sobre a utilização das plantas medicinais na Área Marinha Protegida Comunitária das Ilhas Urok (Reserva da Biosfera do Arquipélago Bolama Bijagós, Guiné-Bissau)**. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa. 2017.

KAADAAGA, H. F.; AJEANI, J.; ONONGE, S.; ALELE, P. E.; NAKASUJJA, N.; MANABE, Y. C.; KAKAIRE, O. Prevalence and factors associated with use of herbal medicine among women attending an infertility clinic in Uganda. **BMC Complementary and Alternative Medicine**, v. 14, n. 1, p. 27, 16 jan. 2014. DOI [10.1186/1472-6882-14-27](https://doi.org/10.1186/1472-6882-14-27). Disponível em: <https://doi.org/10.1186/1472-6882-14-27>. Acesso em: 8 jan. 2022.

LIMA, C. A. B., *et al.* O uso das plantas medicinais e o papel da fé no cuidado familiar. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v.37, 2016.

MARQUES, L. C. Phyllanthus niruri (Quebra-Pedra) no Tratamento de Urolitíase: Proposta de Documentação para Registro Simplificado como Fitoterápico. **Revista Fitos**, v. 5, n. 03, p. 20–33, 2010. Disponível em: <https://revistafitos.far.fiocruz.br/index.php/revista-fitos/article/view/124>. Acesso em: 10 jan. 2022.

MEDEIROS, F. C.; SOARES, P. B.; JESUS, R. A.; TEIXEIRA, D. G.; ALEXANDRE, M. M.; SABEC, G. Z. Uso medicinal da Cannabis sativa (Cannabaceae) como alternativa no tratamento da epilepsia / Medicinal use of Cannabis sativa (Cannabaceae) as an alternative in the treatment of epilepsy. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 6, p. 41510–41523, 28

jun. 2020. DOI [10.34117/bjdv6n6-623](https://doi.org/10.34117/bjdv6n6-623). Disponível em: <https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/12347>. Acesso em: 9 jan. 2022.

MENON, L. C. Questionário Online: uma proposta para investigação do conhecimento sobre fissuras labiopalatinas. 2016. 95 f. (Dissertação) Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO., Irati, 2016.

MESSIAS, M. C. T. B.; MENEGATTO, M. F.; PRADO, A. C. C.; SANTOS, B. R.; GUIMARÃES, M. F. M. Uso popular de plantas medicinais e perfil socioeconômico dos usuários: um estudo em área urbana em Ouro Preto, MG, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 17, n. 1, p. 76–104, mar. 2015. DOI [10.1590/1983-084X/12\\_139](https://doi.org/10.1590/1983-084X/12_139). Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-05722015000100076&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-05722015000100076&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 10 jan. 2022.

MIOT, H. A. Tamanho da amostra em estudos clínicos e experimentais. **Jornal Vascular Brasileiro**, v. 10, p. 275–278, dez. 2011. DOI [10.1590/S1677-54492011000400001](https://doi.org/10.1590/S1677-54492011000400001). Disponível em: <http://www.scielo.br/j/jvb/a/Dxg84WBMPnNrVcpKMXyVfHd/?lang=pt>. Acesso em: 8 fev. 2022.

MOTA, J. S. UTILIZAÇÃO DO GOOGLE FORMS NA PESQUISA ACADÊMICA. **Humanidades e Inovação**, v. 6, n. 12, p. 371–373, 9 set. 2019.

NABAS, J. M. A. B. B. *et al.* Quebra-Pedra (*Phyllanthus niruri* L): Considerações no Tratamento da Litíase Renal. **Rev. Conexão Eletrônica**, v. 12, n. 1, 2015. Disponível em: [http://www.aems.edu.br/conexao/edicaoanterior/Sumario/2015/downloads/1.%20Ci%C3%A4ncias%20Biol%C3%B3gicas%20e%20Ci%C3%A4ncias%20da%20Sa%C3%BAde/005%20\(Farm%C3%A1cia\)%20QUEBRA-PEDRA%20\(Phyllanthus%20niruri%20L\)%20-%20Considera%C3%A7%C3%B5es%20....pdf](http://www.aems.edu.br/conexao/edicaoanterior/Sumario/2015/downloads/1.%20Ci%C3%A4ncias%20Biol%C3%B3gicas%20e%20Ci%C3%A4ncias%20da%20Sa%C3%BAde/005%20(Farm%C3%A1cia)%20QUEBRA-PEDRA%20(Phyllanthus%20niruri%20L)%20-%20Considera%C3%A7%C3%B5es%20....pdf). Acesso em: 08 jan. 2022.

NUNES, N. C.; VERDE, N. L. A. do P.; MOREIRA, L. S.; CRUZ, M. J. F. C.; CAMARGO, M. S.; ALVES, H. G.; SOUZA, A. L. T. de. Uso de plantas medicinais entre universitários no Vale do Ribeira. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 11, p. e460101118784–e460101118784, 8 set. 2021. DOI [10.33448/rsd-v10i11.18784](https://doi.org/10.33448/rsd-v10i11.18784). Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/18784>. Acesso em: 27 jan. 2022.

Ó, K. D. S.; SILVA, G. H.; LEITE, I. A. ESTUDO ETNOBOTÂNICO DE PLANTAS MEDICINAIS EM DUAS COMUNIDADES NO ESTADO DA PARAÍBA, BRASIL. **Biodiversidade**, v. 15, n. 2, 25 jul. 2016. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/biodiversidade/article/view/3960>. Acesso em: 11 jan. 2022.

OLIVEIRA, T. L.; NERI, G. F.; OLIVEIRA, V. J. S.; BRITO, N. M. Utilização de plantas medicinais por idosos em três bairros do município de Conceição do Almeida - BA. **Journal of Biology & Pharmacy and Agricultural Management**, v. 14., n. 2, 2018.

OLIVEIRA, V.; MEZZOMO, T.; MORAES, E. CONHECIMENTO E USO DE PLANTAS MEDICINAIS POR USUÁRIOS DE UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE NA REGIÃO DE COLOMBO, PR. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v. 22, p. 57–64, 6 mar. 2018. <https://doi.org/10.22478/ufpb.2317-6032.2018v22n1.30038>.

PARENTE, L. M. L.; CARNEIRO, L. M.; TRESVENZOL, L. M. F.; GARDIN, N. E. Aloe vera: características botânicas, fitoquímicas e terapêuticas. **Arte Méd Ampl**, v. 33, n. 4, p. 160-4, 2013.

PEREIRA, D. P.; SILVA, A. I. B.; NUNES, L. E.; FILHO, G. F. S.; RIBEIRO, L. H. de F. POTENCIAL BIOTECNOLÓGICO DA AROEIRA VERMELHA (*Schinus terebinthifolius* Raddi): UMA REVISÃO NARRATIVA. **Revista Saúde e Meio Ambiente**, v. 13, n. 01, p. 25–37, 7 nov. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/sameamb/article/view/13282>. Acesso em: 9 jan. 2022.

PEREIRA, M. C. L.; RIBEIRO MARIANO, M. R.; MACIEL, N. S.; LUZIA, F. J. M.; ALCOCER, J. C. A.; ANJOS, S. J. S. B.; PINTO, O. R. O.; PEREIRA, F. H. L.; SOUSA, L. B.; OLIVEIRA, P. M. P. Use of medicinal plants in care of women with gynecological diseases: integrative review. **International Journal of Development Research**, v. 09, p. 26373-26380, 2019.

PETRY, K.; ROMAN JÚNIOR, W. A. Viabilidade de implantação de fitoterápicos e plantas medicinais no Sistema Único de Saúde do município de Três Passos/ RS. **Revista Brasileira de Farmácia**, v. 93, n.1, p. 60-67, 2012.

POLIT, D. F.; BECK, C. T. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem: avaliação de evidências para a prática da enfermagem**. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019. 670 p.

POVH, J. A.; ALVES, G. S. P. Estudo etnobotânico de plantas medicinais na comunidade de Santa Rita, Ituiutaba – MG. **Biotemas**, v. 26, n. 3, p. 231–242, 3 jul. 2013. DOI [10.5007/2175-7925.2013v26n3p231](https://periodicos.ufsc.br/index.php/biotemas/article/view/2175-7925.2013v26n3p231). Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/biotemas/article/view/2175-7925.2013v26n3p231>. Acesso em: 10 jan. 2022.

RAMOS, A. P.; PIMENTEL, L. C. Ação da Babosa no reparo tecidual e cicatrização. v. 2, n. 1, p. 9, 2011.

RODRIGUES, W. Competitividade e mudança institucional na cadeia produtiva de plantas medicinais no Brasil. **Interações**, v. 17, n. 2, p. 267–277, 2016.

ROUQUAYROL, M. Z.; GURGEL, M. **Rouquayrol: epidemiologia e saúde**. 8. ed. Rio de Janeiro: Med Book, 2018. 719 p.

SANTANA, M. D. O.; SÁ, J. S.; NEVES, A. F.; FIGUEREDO, P. G. J.; VIANA, J. A. O PODER DAS PLANTAS MEDICINAIS: UMA ANÁLISE HISTÓRICA E CONTEMPORÂNEA SOBRE A FITOTERAPIA NA VISÃO DE IDOSAS. **Multidebates**, v. 2, n. 2, p. 10–27, 14 out. 2018. Disponível em: <http://revista.faculdadeitop.edu.br/index.php/revista/article/view/116>. Acesso em: 8 jan. 2022.

SANTOS, C. T. C.; AZEVEDO, M. M. R.; SILVA, C. B.; ROCHA, T. J. M.; SANTOS, A. F. dos; PIRES, L. L. S. Comparação da atividade entre óleos essenciais de frutos verdes e maduros de *Schinus terebinthifolius* Raddi sobre isolados de *Acinetobacter baumannii* multirresistentes. **Diversitas Journal**, v. 4, n. 1, p. 285–291, 2019. DOI: 10.17648/diversitas-journal-v4i1.638. Disponível em: [https://diversitasjournal.com.br/diversitas\\_journal/article/view/638](https://diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/638). Acesso em: 9 jan. 2022.

SANTOS, S. L. F.; ALVES, H. H. S.; BARROS, K. B. N.; PESSOA, C. V. Uso de plantas medicinais por idosos de uma instituição filantrópica. **Revista Brasileira de Pesquisa em Ciências da Saúde**, v. 4, n. 2, 2017.

SCHIAVO, M.; GELATTI, G. T.; OLIVEIRA, K. R.; BANDEIRA, V. A. C.; COLET, C. F. Conhecimento sobre plantas medicinais por mulheres em processo de envelhecimento. **Semina: Ciências Biológicas e da Saúde**, v. 38, n. 1, p. 45–60, 18 dez. 2017. DOI 10.5433/1679-0367.2017v38n1p45. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminabio/article/view/27279>. Acesso em: 8 jan. 2022.

SILVA, J. N.; DANTAS, I. C.; CHAVES, T. P. Plantas utilizadas como abortivas no município de Bom Jardim–PE. **Revista de Biologia e Farmácia**, v. 04, n. 01, 2010. Disponível em: <http://plone.ufpb.br/nepfh/contents/documentos/artigos/fitoterapia/plantas-utilizadas-como-abortivas-no-municipio-de-bom-jardim-2013-pe.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2022.

SPINDOLA, T.; ARAÚJO, A. S. B.; OLIVEIRA, C. S. R.; MARINHO, D. F. S.; WOODTLI, R. R.; FARIA, T. T. Uso de preservativo por estudantes universitárias e a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis. In: SOMBRA, I. C. N. *Enfermagem Moderna: Bases de Rigor Técnico e Científico* 4. 1. ed. [S. l.]: Atena Editora, 2019. DOI

SZERWIESKI, L. L. D.; CORTEZ, D. A. G.; BENNEMANN, R. M.; SILVA, E. S.; CORTEZ, L. E. R. Uso de plantas medicinais por idosos da atenção primária. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v.19, p.1-11, 2017.

TROVO, M. M.; SILVA, M. J. P.; LEÃO, E. R. Terapias alternativas/complementares no ensino público e privado: análise do conhecimento dos acadêmicos de enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 11, n. 4, p. 483–489, ago. 2003. DOI 10.1590/S0104-11692003000400011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-11692003000400011&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692003000400011&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 8 jan. 2022.